



NUNES, Ivanildo Araujo. O Cristo preexistente na epopeia *La Semaine*.
Revista Épicas. N. 18 – dez 25, p. 166-172.
DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2025.v18.166172>

O CRISTO PREEXISTENTE NA EPOPEIA *LA SEMAINE*

EL CRISTO PREEXISTENTE EN LA EPOPEYA DE LA SEMAINE

Ivanildo Araujo Nunes¹

RESUMO: Este trabalho analisa a representação do Filho de Deus no poema épico religioso *La Semaine* (1578) de Guillaume de Saluste Du Bartas, destacando como o autor renascentista francês interpreta e desenvolve a figura cristológica em seu grandioso projeto poético sobre a criação do mundo. Examinaremos a perspectiva do poeta ao mostrar o Filho de Deus como agente criador e princípio ordenador do universo, também o uso da filosofia patrística na episteme acerca da preexistência do Filho de Deus. O estudo revela como o poeta francês sintetiza tradições patrísticas e medievais para construir uma narrativa épica que simultaneamente glorifica e humaniza a segunda pessoa da Trindade.

Palavras-chave: Du Bartas; épico religioso; Filho de Deus; Renascimento.

RESUMEN: Este trabajo analiza la representación del Hijo de Dios en el poema épico religioso La Semana (1578) de Guillaume de Saluste Du Bartas, destacando cómo el autor renacentista francés interpreta y desarrolla la figura cristológica en su gran proyecto poético sobre la creación del mundo. Examinaremos la perspectiva del poeta al mostrar al Hijo de Dios como agente creador y principio ordenador del universo, así como el uso de la filosofía patrística en la episteme relativa a la preexistencia del Hijo de Dios. El estudio revela cómo el poeta francés sintetiza las tradiciones patrísticas y medievales para construir una narrativa épica que simultáneamente glorifica y humaniza a la segunda persona de la Trinidad.

Palabras clave: Du Bartas; epopeya religiosa; Hijo de Dios; Renacimiento.

¹ Doutor em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. Mestre em Cinema e Narrativas Sociais/PPGCINE pela UFS, formado em Letras (UNIT) e Especialista em LIBRAS (UCAM). Professor da Universidade Tiradentes e Membro do CIMEEP/UFS E-mail: hd_ivan@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7927-5060>

Introdução

O tema da preexistência de Cristo constitui um dos pilares da teologia patrística, recebendo tratamento diversificado pelos Padres da Igreja tanto no Oriente quanto no Ocidente. Este trabalho analisa as diferentes abordagens sobre o Logos preexistente nos escritos dos principais teólogos dos primeiros séculos, destacando como eles interpretaram as Escrituras e desenvolveram uma cristologia que mantivesse tanto a divindade de Cristo quanto sua união com a humanidade.

Justino Mártil (c. 100-165), um dos primeiros apologistas cristãos, desenvolveu uma teologia do Logos fortemente influenciada pelo platonismo médio, mas radicada na revelação bíblica. Em sua Primeira Apologia, ele afirma:

O próprio Deus, que é o Pai do universo, tem um Filho, que sendo o Verbo primogênito de Deus, é também Deus. Outrora ele apareceu em forma de fogo e na imagem incorpórea, agora, por vontade de Deus, feito homem por uma virgem, tornou-se homem, para dissolver a obra dos maus anjos. (JUSTINO, I Apologia 63).

Esta passagem revela como Justino comprehendia a preexistência do Logos como divina e sua posterior encarnação. O diálogo com Trifão expande esta compreensão, identificando o Logos com o “Anjo do Senhor” que aparece no Antigo Testamento (Justino, Diálogo 58). Esse tipo de cristofonia veterotestamentária será amplamente desenvolvida posteriormente por Ireneu de Lião.

Ireneu (c. 130-202), bispo de Lião, desenvolveu uma teologia da história da salvação onde a preexistência de Cristo é fundamental. Contra as heresias gnósticas que separavam o Cristo celeste, do Jesus terreno, Ireneu insistiu na unidade do Logos preexistente com o Jesus histórico: "Ele é o santo Senhor, o Maravilhoso, o Conselheiro, o belo por sua visão, o Deus forte, aquele que está sobre toda a criatura, o Verbo do Pai." (Ireneu, Contra as Heresias III,16,3). Particularmente relevante é como Ireneu identifica o Logos com a Sabedoria personificada de *Provérbios 8:22* ("O Senhor me possuía no início de seus caminhos"). Para Ireneu, isso demonstra que o Filho estava com o Pai desde toda a eternidade, embora posteriormente alguns Padres alexandrinos interpretariam diferentemente este versículo.

O século IV assistiu à grande controvérsia ariana, que questionava a divindade e preexistência do Filho. Atanásio de Alexandria (c. 296-373) tornou-se o grande defensor da fé nicena, argumentando vigorosamente pela eternidade do Logos: “O Verbo não é criatura nem obra, mas próprio da substância do Pai. Por isso não houve um tempo em que ele não existisse.

[...] O Pai jamais existiu sem o Verbo, mas o Verbo é eternamente co-existente com o Pai."
(ATANÁSIO, Contra os Arianos I,14).

Os Padres capadócios (Basilio, Gregório de Nazianzo e Gregório de Nissa) refinaram esta linguagem, desenvolvendo a doutrina das três hipóstases para salvaguardar tanto a distinção pessoal quanto a unidade essencial entre Pai e Filho.

No Ocidente latino, Agostinho de Hipona (354-430) ofereceu uma das sínteses mais sofisticadas sobre a preexistência de Cristo, integrando neoplatonismo e exegese bíblica. Em *De Trinitate*, ele desenvolve sua famosa analogia da Trindade, onde o Verbo é entendido como a Palavra interior eterna do Pai: "Portanto, o Verbo de Deus, que é Deus, é o Filho unigênito do Pai... Ninguém pense nesse Verbo como algo que ressoa ou passa, mas como algo que permanece com o começo que o pronunciou, sem começo de pronúncia." (Agostinho, *De Trinitate* XV,11,20).

A doutrina da preexistência de Cristo sofreu significativo desenvolvimento durante o período patrístico, desde as primeiras identificações do Logos com o Deus do Antigo Testamento até as sofisticadas formulações trinitárias do século IV. Os Padres gregos e latinos, cada um com suas ênfases particulares, concordaram que o Filho não era uma criatura, mas existia eternamente com o Pai antes de todos os séculos. Essa crença fundamental, consolidada nos concílios ecumênicos, tornou-se parte integrante da fé cristã ortodoxa e influenciou grandemente as artes no período renascentista.

Du Bartas e sua epopeia

O Renascimento, período que se estendeu aproximadamente do século XIV ao XVII, foi marcado por uma profunda transformação cultural, artística e intelectual na Europa. Este movimento não apenas redescobriu a cultura clássica greco-romana, mas também trouxe novas perspectivas sobre a religião e a figura de Cristo. A arte renascentista, em particular, refletiu essa nova abordagem, apresentando Cristo de maneiras que enfatizavam tanto sua divindade quanto sua humanidade.

Artistas como Leonardo da Vinci, Michelangelo e Rafael foram fundamentais na representação de Cristo durante o Renascimento. A obra "A Última Ceia", de Da Vinci, é um exemplo notável. Nesta pintura, Cristo é retratado em um momento de intensa emoção, revelando sua humanidade ao anunciar a traição de Judas. A composição e o uso da perspectiva linear criam uma profundidade que atrai o espectador para a cena, tornando-a mais impactante.

Michelangelo, por sua vez, em sua famosa escultura "Cristo Redentor", captura a essência da divindade de Cristo através de uma representação idealizada do corpo humano. A

escultura, que exibe uma musculatura perfeita e uma expressão serena, reflete a crença renascentista na beleza como uma manifestação do divino.

O poeta francês Guillaume de Salluste Du Bartas (1544-1590), importante poeta protestante do século XVI, desenvolveu uma visão peculiar do Messias, mesclando influências calvinistas com elementos do humanismo renascentista. Sua obra, apesar de pouco estudada atualmente, teve imensa influência na literatura religiosa europeia dos séculos XVI e XVII.

Nascido em 1544, em Montfort, Du Bartas viveu durante as turbulências das guerras religiosas na França. Sua formação protestante influenciou profundamente sua visão de Cristo, que aparece em sua obra não apenas como figura redentora, mas como princípio ordenador do universo. O Verbo divino, que em Cristo se encarnou, é apresentado por Du Bartas como a força criadora que organiza o caos primordial, numa clara influência do prólogo do Evangelho de João. Segundo Nunes, o Filho estava presente na criação do mundo:

Quanto ao Criador do mundo, nos dois textos (bíblico e bartaniano), foi o Deus Eterno, sendo um em essência, também distinto em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. A Trindade Santa é ressaltada no epos de Du Bartas, no Dia I, v. 97–204, no Dia II, v. 796–800. Ora, para a Teologia, as três pessoas da Trindade atuaram ativamente na criação, não apenas o Deus-Pai. O Espírito Santo e o Filho estavam presentes na Criação do mundo; e o nascimento virginal do Filho, em termos bíblicos, foi apenas sua revelação aos homens (NUNES, 2004, p. 49).

Na *Semaine*, Du Bartas apresenta Cristo (O Filho) antes de tudo no momento da criação, seguindo a tradição joanina. No dia primeiro (canto) da criação, é descrito do Filho e do Santo Espírito:

*Providence et Bonté estoient à tous momens
Le sacré-saint object de ses hauts pensemens.
Et si tu veux encor, de ceste grande Boule
peut-être, il contemplot l'Archetype et le moule.
Il n'estoit solitaire, avec ques lui vivoient
Son Fils et son Esprit, qui par tout le suivoient²*
(DU BARTAS, 2011, p.87).

Essa representação combina o Cristo cósmico paulino com elementos da filosofia neoplatônica, sugerindo uma continuidade entre criação e redenção.

² Providência e Bondade eram em todos os momentos
O objeto sagrado de seus elevados pensamentos.
E se preferir, deste grande Monolito
talvez, ele contemplasse o molde e o Arquétipo.
Ele não estava sozinho, com ele viviam
Seu Filho e seu Espírito, que por toda parte o seguiam. (tradução nossa).

Apesar da ênfase no Cristo cósmico, Du Bartas não negligencia a dimensão humana. Em passagens posteriores da obra, especialmente ao tratar do sexto dia da criação, antecipa o nascimento virginal:

*C'est alors , c'est alors, ô Dieu : que ton fils cher,
Qui semble estre affublé d'une fragile chair,
Descendra glorieux des voutes estoilees
A ses flancs voleront mille bandes ailees³*
(DU BARTAS, 2011, p.100).

Mais adiante ele acentua a manifestação do divino por meio de seu milagre primeiro, fazendo a alusão a Criação.

*Qui guerroye le Ciel ! ô sacree alliance
Que le fils d'une vierge orna de sa presence !
Lors que les eaux de Cane il convertit en vin,
Temoignage premier de son pouvoir divin⁴*
(DU BARTAS, 2011, p.358).

A representação de Cristo na obra de Du Bartas revela uma teologia poética sofisticada, que articula criação e redenção através da figura do Verbo encarnado. Sua influência protestante se manifesta na ênfase na soberania divina, enquanto o estilo épico-científico reflete o humanismo cristão do período.

Esta síntese única entre cosmogonia e soteriologia faz de Du Bartas um caso particularmente interessante no estudo das representações literárias de Cristo no Renascimento, a figura do Filho de Deus assume papel central como princípio ordenador do universo poético bartaniano.

Em outro momento da epopeia, *La Semaine*, Du Bartas apresenta uma elaborada cosmogonia onde o Filho de Deus aparece como Voz do Pai, isso na criação material:

*Je dis son Fils, sa Voix, son Conseil éternel
De qui l'est esgal à l'estre paternel.
De ces deux procèdent leur commune Puissance,
Leur Esprit, leur Amour: non divers en essence⁵*
(DU BARTAS, 2011, p. 88).

³ É então, é então, ó Deus: que teu filho amado,
Que parece com carne frágil adornado,
Descerá glorioso das abóbadas estreladas
Mil bandos alados voarão ao seu lado (tradução nossa).

⁴ Quem declararia guerra ao Céu! Ó aliança deífica
Que o filho de uma virgem com sua presença Magnífica!
Quando ele transformou as águas de Caná em vinho,
Primeiro testemunho de seu poder divino (tradução nossa).

⁵ Falo de seu Filho, sua Voz, seu Conselho eterno
De quem ele é igual ao ser paterno.
Destes dois procede sua Potência,
Seu Espírito, seu Amor: não difere em essência (tradução nossa).

Nesta passagem, Du Bartas estabelece uma cristologia que combina elementos do livro de João ("esplendor do Pai") com a tradição sapiencial veterotestamentária, apresentando o Filho como princípio ativo da criação, tal como descrito nos primeiros capítulos do Gênesis e no prólogo do Evangelho não sinótico.

A representação bartaniana do Filho de Deus revela uma sofisticada interação entre teologia e poética. O poeta francês não se limita à paráfrase bíblica, mas elabora uma verdadeira síntese entre:

- 1) A tradição patrística e medieval de comentário bíblico;
- 2) As correntes humanistas de valorização da dignidade humana;
- 3) A estética renascentista de celebração da criação.

Esta combinação se manifesta particularmente na passagem onde Du Bartas descreve tanto o seu aspecto divinal, quanto a sua humanidade, que Ele se sujeita para salvação de todos:

*L'autre, d'aise ravi, dans Nazareth asseure
Qu'une dame sera Mere et vierge, en mesme heure :
Et qu'elle enfantera pour le salut humain
Son pere, suo espoux, son fils, et son germain⁶.*
(DU BARTAS, 2011, p.113).

Considerações finais

A análise da figura do Filho de Deus em *La Semaine* de Du Bartas revela não apenas a profundidade teológica do poeta francês, mas também sua habilidade em transformar dogmas cristãos em matéria épica. O tratamento dado à segunda pessoa da Trindade demonstra como Du Bartas conseguia harmonizar fidelidade à tradição cristã com a liberdade criativa característica do Renascimento.

Mais que mera paráfrase dos relatos bíblicos, a cristologia bartasiana representa uma releitura poética que busca simultaneamente instruir e emocionar o leitor, elevando tanto a compreensão teológica quanto a experiência estética da narrativa sagrada. Neste sentido, *La Semaine* se configura como uma das mais originais contribuições do Renascimento francês à literatura religiosa.

⁶ A outra, encantada de alegria, em Nazaré garante
Que uma senhora será Mãe e virgem, no mesmo instante:
E que dará à luz para a humana salvação,
Seu pai, seu marido, seu filho e seu irmão. (tradução nossa).

Referências

- AGOSTINHO, Santo. **A Trindade.** Tradução de Frei Agustinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1994.
- ATANÁSIO, São. **Contra os arianos.** In: Patrologia Graeca, vol. 26. Paris: Migne, 1857.
- BARBERIS, R. **La poesia di Du Bartas nella cultura europea.** Torino: Giappichelli, 1998.
- DU BARTAS, Guillaume. **La Sepmaine ou Creation du monde - Tome 2.** Édition dirigée par Yvonne Bellenger. Paris: Classiques Garnier, 2011.
- HAUSER, A. **A história social da arte e da literatura.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.
- IRINEU, Santo. **Contra as Heresias. Livro III.** Tradução de Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 1995.
- JUSTINO, Mártir. **Diálogo com Trifão.** Tradução de Hugo de Sousa. São Paulo: Paulus, 2004.
- JUSTINO, Mártir. **Primeira Apologia.** In: Os Padres Apologistas. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 1995.
- NUNES, Ivanildo A. **La semaine: A epopeia religiosa.** 2024. 132 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2004.
- PELIKAN, Jaroslav. **The Christian Tradition: A History of the Development of Doctrine**, Vol. 1. Chicago: University of Chicago Press, 1975.
- QUASTEN, Johannes. **Patrologia, vol. I-II.** Madrid: BAC, 2004.
- SCHMIDT, A.-M. **La poésie scientifique en France au XVIe siècle.** Paris: Michel, 1950.